

BIALIK, Haim Nahman. *A trombeta envergonhada*. Organização, tradução e notas de Eliana Langer e Nancy Rozenchan. São Paulo: Globo, 2007. 373p.

Por detrás da cortina

Claudia Maia*

*Há muitas coisas que considero difícil de determinar
onde foi que elas se revelaram a mim pela primeira vez
e de onde chegaram ao meu coração,
se foi do livro ou de algum lugar fora dele.*

Haim Nahman Bialik

Haim Nahman Bialik, conhecido como o “poeta do renascimento nacional”, tendo contribuído para o surgimento da poesia hebraica moderna, é, também, um exímio prosador. As seis narrativas que compõem o livro *A trombeta envergonhada*, traduzido e organizado por Eliana Langer e Nancy Rozenchan, apresentam, entre outros aspectos, características do “maravilhoso” e, porque não, do “estranho”, no arquivo da cultura judaica. Tais características refletem, de certa forma, o caráter de lenda que algumas delas possuem. A lenda de tradição judaica (*Agadá*), como informa o prefácio de Berta Waldman, é parte do Talmude e “inclui acréscimos às histórias da Bíblia bem como velhas lendas preservadas entre o povo” e procura oferecer respostas às questões teológicas. Esses acréscimos “não obedecem às fronteiras naturais de tempo e espaço, abundando os anacronismos”. (p. 16)

A primeira das narrativas, “Renovo”, foi composta em diferentes épocas, de 1908 a 1923, e é dividida em 15 capítulos. Os títulos dos capítulos pontuam acontecimentos que marcaram o crescimento de Shmulik, o narrador-personagem que narra sua vida desde a partida da aldeia natal, aos cinco anos. Shmulik leva uma vida de dor e solidão; apenas nos sonhos e no seu imaginário infantil é que não se sente exilado. Apesar dos padecimentos a que a personagem é submetida, não se percebe ali uma amargura capaz de corroer a sua imaginação e o que de mágico e fantástico a caracterizam. Maltratado pelos pais, pelos mestres e pelos colegas, é nas letras do alfabeto e nas figuras bíblicas que encontra alento e companhia. Em uma “mescla de tempos e confusão de acontecimentos”, o bairro em que vive torna-se, assim, espaço para a encenação das histórias sagradas. Deus enviava-lhe anjos ocultos para diverti-lo, além de anõezinhos para cantar e espantar o seu medo.

O “maravilhoso”, nesse primeiro conto, surge de forma especial quando Shmulik começa a aprender as primeiras letras do alfabeto, que lhe parecem “grupos de soldados alinhados” (p. 50). O *álef* é um soldado que carrega uma mochila pesada nas costas e caminha encurvado; o *shin* é uma cobra com três cabeças; o *lamed* é uma cegonha com o pescoço esticado; o *guímel* é uma botina “como a que está desenhada nas latas de graxa para sapato, e um diabinho com um rabo engraxa-o com uma agilidade extrema...” (p. 51); as outras letras tinham para ele formas de animais domésticos e selvagens. O fato de o pequeno aprendiz imaginar formas para as letras, inclusive de criaturas estranhas, como que traduz um desejo de recolhimento num outro mundo que não o “real”, um mundo de sonhos, no qual Shmulik prefere estar, longe da opressão do pai e da necessidade de seguir um “propósito”.

A versão de Bialik para “A lenda dos três e quatro” também traz aspectos do “maravilhoso”. Trata-se de uma das ocasiões em que o rei Salomão expõe sua sabedoria durante um banquete que oferece a outros reis em seu palácio. Para provar que “a mulher era dádiva concedida a cada homem de acordo com os seus atos, sejam bons ou maus” (p.113), Salomão propõe um feito aos seus convivas. Cada um deveria escrever num papel o nome de uma de suas filhas virgens e, depois de tirada a sorte, aquela que o destino indicasse seria conduzida a uma torre construída em uma ilha deserta, onde ninguém a

visitaria, até que Deus enviasse o homem com quem ela se casaria. Assim foi feito e a filha do rei de Aram encarcerou-se na torre até a chegada de Netaniá, que venceu obstáculos praticamente impossíveis para alcançá-la. Em meio a esses obstáculos, incluem-se aparições milagrosas, como a figura da mãe morta e de uma píton, que rouba a esmeralda guardada no bolso de Netaniá, fazendo-o segui-la até a torre onde estava sua futura esposa. Nas imaginações de Netaniá, a píton aparece como um cetro real ou uma vara divina, gravada com ilustrações oníricas, e os cabelos de Quetsiá transformam-se em línguas de fogo quando ela dança. Salomão e todos os reis que estiveram no banquete, sábios e magos chegam à ilha num manto maravilhoso que pousa sobre a torre, cujo portão encontra-se guardado por criaturas maravilhosas e estranhas. A narrativa tem um desfecho misterioso: depois da festa de casamento de Netaniá e Quetsiá, Salomão reúne-se com o rei de Tiro a sete chaves e não se sabe do que falam.

Em “Sexta-feira curta”, conta-se uma “história terrível”, assim a define o narrador. O rabino Reb Lipa é convidado às pressas para ser padrinho em uma circuncisão, na véspera do *shabat*, dia que deve ser guardado segundo os preceitos judaicos. O convite chega à casa do rabino de modo estranho: a porta abre-se num estrondo e, junto a uma coluna de vapor, aparece um gentio que traz uma carta do patrão acompanhada de uma cédula de três rublos, um saco de batatas, um ganso, um casaco de peles e botas de feltro. Reb Lipa abandona as preparações para o *shabat* e segue com o homem. Nesse momento começa o seu descaminho, a sua desobediência às regras do *shabat*. Na festa, ele bebe mais do que deve, perde a noção do tempo e adormece no trenó, quando voltava para casa. Ivã, o gentio, também dorme e a direção do trenó fica a cargo de uma égua que pensa – “para cá ou para lá?”. Quando o trenó tomba e os dois viajantes acordam na escuridão da floresta, o rabino recorda a gravidade de sua falta. As árvores personificam-se e começam a condená-lo: “Quem é este Reb Lipa, o rabino da cidade que ousa viajar no *shabat*... Espinhos e cardos ocultaram suas faces no chão de vergonha e o vento soluçava e chorava: ‘Oi, oi, pela profanação do Nome sagrado, oi, oi, oi por envergonhar a Torá!’” (p. 200). Aterrorizado, o rabino chega à aldeia ao meio dia do *shabat*, para o espanto de todos que saíam da sinagoga, e assim termina a história de Reb Lipa, aquele que desobedeceu a sagrada Lei do Shabat.

Na quarta narrativa, que dá título ao livro, há também, como na primeira, um narrador adulto que relembra fatos da infância. Trata-se da história da expulsão de sua família de uma pequena aldeia onde morava apenas mais uma família judia. A trágica partida se dá na véspera de Pessah, em maio de 1882, depois da promulgação das Leis Temporárias, “que proibiam que mais judeus se instalassem nas aldeias dos chamados ‘territórios judaicos’” (p. 23). A família do narrador mudou-se para a aldeia um dia depois da promulgação dessas leis e a expulsão se deu quando o pai não mais conseguiu subornar os oficiais. Durante o percurso de partida, o comboio pára a pedido da mãe para que ela acenda as velas e todos celebrem o *shabat* e a *Pessah*. Nesse momento, toda a tristeza e a ruína que tomavam conta da família judia como que se abrandam e os seus corações se iluminam pela chama das duas velas acesas: “no instante que brilharam por entre as árvores as duas pequenas chamas, imediatamente a santidade tomou conta do bosque, e de um de seus cantos escuros num templo escondido lá adiante, abriu-se um pequeno portão de piedade, e um anjo bom pôs sua cabeça para fora” (p. 243-244). O conto trata da angústia e do sofrimento do exílio judaico e também do quão mágico pode ser, por exemplo, a comemoração da *Pessah* mesmo num instante de tamanha desolação.

Em “Ariê, o Brutamontes”, a narrativa se pauta na vida de Ariê “Bode”, o protagonista. Judeu rústico e trabalhador de uma sociedade agrária, Ariê tornou-se bastante rico, mas não perdeu o jeito simplório de viver. Não se dava às honrarias dos chamados judeus nobres e dos judeus emergentes. Levava uma vida simples com a mulher e os três filhos, acumulando dinheiro e exercitando um certo poder sobre aqueles que dele necessitavam. A mudança se dá quando resolve, a pedido da mulher, transformar a casa em que vivia numa construção digna de seu dinheiro, convidando para a inauguração tanto os ricos quanto os pobres. Durante a festa, os primeiros zombam de seu mau gosto e os segundos reclamam dos maus tratos, pois a eles não eram servidas as comidas destinadas aos

ricos. A festa torna-se um fracasso e Ariê acaba humilhado. Mas isso não lhe abate, apenas o torna mais certo de que a sua vida não deveria mudar. Um dos filhos se encarregaria disso: conhecedor das letras, ele ganharia espaço na comunidade e seria orgulho do pai. No capítulo final, o Brutamontes, na sua ignorância assumida, vislumbra o futuro da sua prole quando se senta novamente no velho banco de antes e escuta o som das flautas de seus meninos competirem com o som dos violinos dos filhos dos poderosos. Qual deles venceria mais tarde? Essa é a pergunta que Ariê deixa para o leitor.

A última das narrativas, “Atrás da cerca”, retoma as personagens infantis e seu imaginário. De forma bela e comovente, o narrador tece a história de amizade e amor entre duas crianças, Noah e Marinka. Esta era uma enjeitada, criada por uma viúva não-judia e com ela morava num assentamento agrário onde residiam apenas famílias judias, como a de Noah. As crianças tornam-se amigas e passam a se encontrar às escondidas num cercado que havia entre o jardim da casa de Marinka e o pátio da casa de Noah. Ali era um mundo isolado e misterioso, distante das regras judaicas e da mão pesada da viúva, onde os protagonistas vivem momentos mágicos e de intensa alegria. Mas o amor de Noah e Marinka não resiste às suas diferenças. Ao contrário do que espera o leitor, eles não têm um final feliz juntos. Noah se casa com uma moça judia, conforme as leis mosaicas, e Marinka, com o filho nos braços, continua “atrás da cerca” espreitando uma vida que não era dela. Nesse conto de Bialik, o mundo maravilhoso se desmorona a favor de um mundo em que as diferenças se exacerbam.

Escritos de 1898 a 1929, os contos de *A trombeta envergonhada*, além de tratar dos costumes judaicos, do preconceito entre judeus e gentios, do exílio que desolou muitas famílias judias e de lendas talmúicas que fazem parte da tradição judaica, deixam transparecer os aspectos do mágico e do estranho que caracterizam esse universo. Tais aspectos surgem, nesses contos, ora metaforicamente ora por meio de alegorias. Os elementos da natureza são material fértil para a sua investida. A lua e as árvores, por exemplo, longe de se comportarem como inanimados, ganham aqui características de personagens, a exemplo dos carvalhos que condenam o rabino que desobedece a Torá. Seja no mágico que os objetos escondem, nas letras do alfabeto, na imaginação das personagens, numa mão invisível que descobre a lua ou na aparição de um anjo, as narrativas de Bialik ora escondem ora revelam o que está ali, por detrás da cortina. “Ver o maravilhoso no que é revelado e o que é obscuro no que é explícito”, este o sentido desses contos de Haim Nahman Bialik.

* **Cláudia Maia** é Mestre em Letras pela UFMG e Professora de Literatura.